

Preço da assignatura

Anno	1\$800 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia
Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Anuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os ars. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

“Os dissidentes,,

(CONFRONTOS)

II

Rigorosamente, «*dissidentes*» não são apenas os homens que constituem o grupo alpoínista: «*dissidentes*» são todos quantos, em Portugal, divergem dos processos da administração que têm prevalecido nos ministerios dos ultimos tempos, e ainda todos os que desejam a substituição da nossa actual forma de governo.

E assim, na «*dissidência*», considerada na sua maxima extensão, cabem perfeitamente os agrupamentos monarchico-constitucionaes, que combatem a chamada rotação partidaria; os monarchicos que não reconhecem a legitimidade da actual dynastia, e também os partidarios da abolição da realêza e da implantação de instituições novas: nacionalistas, franquistas, alpoínistas, legitimistas e republicanos, formam todos por bom direito nas vastas e numerosas fileiras dos «*dissidentes*».

No seu conjuncto heterogeneo, a «*dissidência*» é, numericamente, a maior força social do país; entendo que ninguém duvidará da exactidão deste cálculo, que, francamente, é feito com a maxima imparcialidade.

Pelo facto desta enorme somma de energias ser feita de parcelas incombinaveis é que o seu poder não alcança a dispôr de influências decisivas nos destinos da vida nacional e que os seus esforços, ás vezes tam violentos, não logram senão resultados ou nullos, ou insignificantes, ou mesmo negativos.

Cada agrupamento politico desses que ha no país, embora todos elles tenham um patrimonio commum de ideias, professa doutrinas e principios que se oppõem essencialmente ás doutrinas e aos principios que os outros professam; quanto aos processos que empregam e á orientação que cada um segue, o mesmo succede.

De maneira que esses grupos gastam nas luctas que entre si ferem e que mutuamente os enfraquecem, a força colossal e irresistivel que, habilmente empregada, poderia des-

troçar sem remedio e reduzir a entidades insignificativas os dois velhos partidos politicos que monopolizaram a governação e têm o exclusivo do poder.

Mas as forças de todos os grupos partidarios são forças divididas, dispersas, encontradas, forças, emfim, que jamais podem alliar-se proveitosamente para uma efficaz acção commum.

Tal alliança, em verdade, é mesmo impossivel: elementos republicanos e monarchicos, conservadores evolucionistas e revolucionarios exaltados e radicaes, catholicos e anticatholicos, nunca podem chegar a uma união estreita, a uma combinação intima, a um plano perfeitamente igual ou sequer razoavelmente accetivavel.

Estes obstaculos e outras muitas difficuldades accessorias e convergentes impedem que todos os agrupamentos politicos, differentes dos partidos regenerador e progressista, atinjam importancia e cheguem a dispôr de prestigio que se imponha e se faça respeitar.

A história de todos os grupos dissidentes que em Portugal se têm formado, desde muitos annos, ahí está a provar exuberantemente esta verdade palpitante.

Abundam os exemplos e os desenganos.

Todavia isso não prova que seja ousio maldoso e condemnado a tentativa de constituir partidos novos, nem que todos os partidos novos tenham por fatal destino a morte irremediavel, em hora mais ou menos chegada.

A criação de partidos novos obedece á lei geral das restaurações sociaes, e portanto, mais que da vontade individual, é producto espontaneo do meio, e, além disso, como representa uma ameaça e um perigo constante para os partidos antigos, exerce uma poderosa acção fiscal e de sanidade moral, porque os chama á consciencia do dever e á honestidade, embora forçada, de administração e de governo.

De mais, quem nos garante que não tem sido ás imprudencias e desmandos dos partidos novos que se deve o malôgro delles?

Vale a pena discorrer dois minutos sobre o problema assim formulado.

Se para tantos a solução

delle é um amargo desengano, é para alguns um não despiendo acoroçoamento, posto que tal solução, como filha de individual parecer, não seja definitiva, mas largamente discutivel e vulneravel.

C. R. DE SÁ.

Notas

Economia modelar

Todos sabem, ou — mais rigorosamente fallando — poucos sabem com a devida approximação o estado miserissimo da fazenda pública. Nem é facil sabê-lo: á uma, porque é quasi impenetravel a embulhada em que propositadamente se envolve a escripturação da fazenda e também são poucos os que se dam ao cuidado de tentar decifrá-la; á outra, porque ha por lá taes monstruosidades, que, reveladas sem fortes documentos, inutilmente desafiam a mais simplória credulidade.

Pertence a este número a seguinte lista de dividas contrahidas pelo estado desde o anno de 1862 até ao de 1884, comparadas com as quantias effectivamente recebidas:

Em 1862, contrahimos um empréstimo de 5.000.000 libras, do qual apenas recebemos 2.109.410 libras;

Em 1863, contrahimos outro de 2.500.000 libras, do qual recebemos 1.137.417 libras;

Em 1867, outro de 4.750.000 libras, do qual recebemos 1.683.295 libras;

Em 1869, outro de 12.000.000 libras, do qual recebemos 3.540.516 libras;

Em 1877, outro de 4.000.000 libras, do qual recebemos 1.925.515 libras;

Em 1878, outro de 2.500.000 libras, do qual recebemos 1.180.000 libras;

Em 1880, outro de 8.700.000 libras, do qual recebemos 4.143.375 libras;

Em 1883, outro de 1.880.000 libras, do qual recebemos 897.888 libras;

Em 1884, outro de 8.380.000 libras, do qual recebemos 4.002.288 libras.

Em resumo: por estes 9 empréstimos ficou Portugal a dever aos seus credores a linda somma de 49.710.000 libras (isto é, reis 223.695.000.000, sendo a libra a 47500 reis), recebendo apenas a quantia de 20.619.904 libras (isto é, 92.789.568.000 reis): o que dá um prejuizo certo, logo de entrada — não fallando na applicação que o dinheiro viesse a ter — de cerca de 58,52 por 100, isto é, de libras 29.090.096 (130.905.432.000 reis)!

Estamos em crer que os nossos leitores desconfiarão da veracidade destes números: e o caso não é para menos. Os commentários faça-os quem quizer, e no fim diga reconhecido: «*Abençoados governos!*»

Bons fructos

E' dos Livros santos: «*Não pôde a boa árvore dar maus fructos, nem a árvore má dar bons fructos.*» Trouxeram-nos agora a lembrança esta sentença as noticias que havemos lido a respeito da fundação dum diário cathólico no Funchal.

O clero daquella região frequenta os exercicios espirituaes. Pois ao saír, ha pouco tempo, dum turno de exercicios, é que tomou aquella generosa e importante resolução.

Sabe-se que um dos mais perigosos e damnosos factores da corrupção das ideias e costumes contemporâneos é a má imprensa e que o remedio mais natural para a combater é a imprensa boa. Daqui a grande obrigação em que estão os cathólicos, e muito particularmente todo o clero, de ajudar e fomentar a boa imprensa.

O que porém geralmente se vê é que os cathólicos (entenda-se: os maus cathólicos, mas que são innumeraveis) favorecem por todos os modos (pela assignatura, pela compra, pela leitura, pelos elogios, pelo escândalo, pela negligência, pelos annuncios, etc.) a imprensa má e negam todo o apoio, ou só o prestam como que arrastados e em pequena escala, á imprensa boa. Dizer que o clero, em grande parte, ainda neste ponto, é o guia dos fieis, apesar das tremendissimas responsabilidades de semelhante procedimento, é affirmacção inutil, á força de evidente.

Quem dera que esses cathólicos e esses padres pensassem a sério nas suas responsabilidades, e produzissem por fructo da sua reflexão propósitos semelhantes aos do clero do Funchal!

Bajulação nojenta

Quanto é justo que ao mérito se tributem os devidos louvores, tanto é repugnante o elogio affectado e a adulação mentirosa. E' porém fructa do tempo, numa época de ficções e mentiras, como é a em que vivemos.

Sabe-se, por exemplo, que el-Rei de Portugal é um caçador exímio e um atirador como ha poucos: são merecidas as apreciações que geralmente se fazem dessas qualidades, e não podem offender sua Majestade.

Ora, encontrando-se el-Rei actualmente em Paris, tomou parte, ha dias, numa caçada importante. E querem os leitores saber como falla das gentilezas del-Rei nessa caçada um deputado da nação, director duma folha monarchica, o qual foi a Paris, para o effeito, á custa do thesouro? Diz que el-Rei, em 3 ³/₄ horas, que duraram as operações venatórias, deu 1.500 tiros, matando 1.000 cabeças de caça!

Não reparem nos números redondos de centenas, nem ainda na perda de 500 tiros, isto é, dum terço, por parte de quem caçava «*fazendo prodigios de certeza*», segundo a phrase ineptamente louvaminheira do escrip-

tor. Mas como poderia el-Rei dar tantos tiros em tam pouco tempo? Pois, na hypótese de não ter um momento de interrupção, tinha de dar cerca de 7 tiros por minuto! Isto durante 15 quartos de hora! E como lhe surgia a caça com tal e tam rapida oportunidade?

Tanto querem dizer, que desdizem tudo. Se os créditos de el-Rei como atirador e caçador não estivessem universal e solidamente firmados, mal parados ficavam com taes elogios.

Se el-Rei, que é intelligente, ler a noticia exportada de Paris por um deputado da nação, a respeito da sua caçada, além dum sorriso de indignado desprezo contra a injuriosa adulação, não deixará de formular uma séria reflexão sobre a sinceridade de certos homens públicos.

E os nossos pacientes leitores não se irrite comnosco, accusando-nos de minuciosos. Sejam philosophos, e meçam o alcance da feia qualidade de character, que o facto denuncia, principalmente quando lavra em quem cerca os grandes.

Ainda sobre assumpto semelhante, estava pedindo certa menção um artigo assignado por um pseudo-protestante e publicado ha dias numa folha catholica, que aliás muito respeitamos.

Custa-nos ver umas coisas assim, porque não temos dúvida em que a nossa regeneração moral, politica e social não ha de vir da mentira nem da adulação, mas sim da verdade.

L. F.

Carta do Porto

A abominação no logar santo

Os imperadores romanos não se julgavam felizes com a magistratura suprema do grande imperio: para que a sua ambição fosse satisfeita, faziam incluir-se no número dos deuses. Tinham mesmo o poder civil—imperar—como inferior ao religioso—receber o culto como deus. E por isso, só se elevavam á alta categoria de divinos depois de terem alcançado a de imperadores. Bom argumento racional é este para demonstrar quanto as coisas divinas são superiores ás humanas; quanto a alma é mais nobre do que o corpo.

Nós não estamos, positivamente, nos tempos do Imperio Romano, mas o espirito do homem é semelhante em todos os tempos. Assim que falta o verdadeiro respeito a Deus—coisa singular!—principiam os mesmos disculos a exercer funções sacerdotaes; quem diz «*Não ha Deus*», deseja para si honras divinas.

O facto que aconteceu sabbado, 9 de dezembro, em Lisboa, é symptomatico e flagrantemente degradante. O parlamento de Lisboa converteu, em época recente, o formoso convento dos Jeronymos, em cemiterio de personagens illustres portuguezas. Seleccionou, ou melhor ainda, determinou uma quali-

A Restauração

dade—deixando todas as mais que os homens podem e costumam ter, boas ou más—pela qual um homem pôde ter direito ali ao repouso de suas cinzas. E por isso, seja um atheu, um hereje, um corrupto, com tanto que seja um bom litterato, pôde repousar no monumento que attesta através das edades a maior das nossas glórias, a descoberta dum caminho por mar para a Índia! E o parlamento, convertendo aquella glória de vivos em necropole de mortos, não se importou com nada mais, que ter em luxo os restos mortaes dalguns artistas de merito. Nem se lembrou que já S. Vicente de Fóra era pantheon de reis e patriarchas; nem se lembrou que as cinzas dos que neste mundo aborrecem a Deus devem estremecer de estarem perto de Jesus sacramentado; nem olhou para o pergaminho histórico daquelle monumento; nem se lembrou de mais coisa alguma, que não fosse o seu ambicionado desideratum—um pantheon nacional. Terriveis imprevidencias todas estas, e terriveis consequências as que agora dahi nascem.

Voltemos ao facto. O *Correio Nacional* descreve-o assim:

Mausoleu a Garrett

Realizou-se hoje a cerimonia do lançamento da primeira pedra para o mausoleu que nos Jeronymos se vai levantar ao visconde de Almeida Garrett.

As duas horas e meia da tarde chegou o Principe Regente, que vestia a farda de alferes de lanceiros com a banda das tres ordens.

Era aguardado por todo o ministerio, com excepção do sr. presidente do conselho e ministro dos estrangeiros, e pelos snrs. Costa Pinto, provedor da Real Casa Pia; Antonio de Azevedo, presidente da Camara Municipal; Wenceslau de Lima, representante da Camara do Porto; e conde de Valença, pela direcção da Sociedade Almeida Garrett, de que é secretario o sr. Alberto Bessa.

Sua Alteza era acompanhado pelo sr. visconde de Asseca e tenente-coronel Serpa de Azevedo.

A cerimonia começou em seguida no cruzeiro do lado do Evangelho, discursando (!) o sr. conde de Valença, que enalteceu as qualidades de Garrett.

O martello, a colher e argamassa foram entregues a Sua Alteza pelo architecto Ventura Terra, representando o escultor Teixeira Lopes.

O auto foi lido pelo sr. Alberto Bessa e assignado por todas as pessoas presentes.

Aquelle ponto de admiração, ao fim da palavra discursando, que o *Correio Nacional* pôs, é a versão fiel, para a nossa lingua, da celebre resposta do general Cambrone. Aquelle ponto de admiração encerra um discurso, manifesta o sentir de todos os catholicos, é a recordação dos tempos pagãos.

Ha quem deseje caracteristico mais claro da decadencia duma nação, onde os leigos vam para o templo do verdadeiro Deus, sem ao menos um padre que faça as honras da casa, e, levantando a voz—do lado do Evangelho!—fallam, se assim lhes lembrar, de tudo quanto lhe é contrario? Almeida Garrett era um crente, na verdadeira accepção da palavra; mas tal qualificativo, a não ser que a reles ignorancia os desculpe, não pôde caber a quem, como agora, abusou da casa de Deus. E, para cúmulo, fazem com que o Principe Regente—uma creança que não teve a força de coragem, que só a muita virtude ou a idade dá, para os pôr fóra dali,—vá com a sua presença dar forças ao desacato a Deus, á falta de respeito pelo morto, que, se estivera vivo, não precisaria de quem lhe advogasse a causa de protesto contra um procedimento tam falto de nobreza, de dignidade e de religião!

Trilhando este caminho, os nossos males não teriam fim. Não havendo discernimento entre o bem o mal, este certamente que augmentará por estar em terreno proprio para o seu desenvolvimento. Se nós, os catholicos, nos pusermos de mãos

cruzadas lamentando a nossa sorte, mas sem nada fazermos, esperando só de Deus o que pela nossa inactividade lhe não merecemos, os nossos males augmentaram.

Ponhamos os olhos na França, que para o primeiro de janeiro de 1906 deixa oficialmente de ser a filha primogenita da Igreja, e vejamos se não seguimos o mesmo detestavel caminho que ella seguiu.

R. L.

A Mouta

(Não é romance)

...O que nos mata é não haver quem tenha a coragem de dizer a verdade toda, seja a quem fór e seja onde fór.

P. PAULINO APHONSO.

IV

Em um dos livros do registo parochial da freguesia de Santa Leocadia de Briteiros, encontra-se um assento de obito do teor seguinte:

"N.º 10
Joaquina
Gomes
Aos quinze dias do mez de novembro do anno de mil novecentos e cinco, no caminho publico em frente á igreja parochial desta freguesia de Santa Leocadia de Briteiros, concelho de Guimarães, diocese de Braga, falleceu, tendo recebido o Sacramento da Extrema Unção, um individuo do sexo feminino por nome Joaquina Gomes tambem conhecida por Joaquina Esteves Mouta, de idade de sessenta e oito annos, viuva de Francisco Joaquim de Macedo, natural da freguesia de Santa Christina de Longos, moradora no lugar de Santa Anna desta freguesia de Santa Leocadia de Briteiros, filha legitima de Antonio Gomes e Anna Luiza, proprietarios, de Santa Christina de Longos, a qual não fez testamento e não deixou filhos. Vai ser sepultada no cemiterio parochial. E para constar lavrei em duplicado este assento que assigno. Era ut supra. O parochio Antonio José da Silva Gonçalves."

A freguesia de Santa Christina de Longos é limítrope da de Santa Leocadia de Briteiros.

A desditosa Mouta era moradora nesta, onde morreu como um cão, ao abandono, á fome, e era natural daquella onde tinha e onde moram ainda irmãos, cunhado e sobrinhos seus, que vivem desfogadamente e alguns até regaladamente.

Nem a distancia impossibilitou o socorro, nem tam pouco a situação financeira dos parentes, e nem ainda a ignorancia do lastimoso e comoventissimo estado miseravel da infeliz. Nada disso.

Então qual o motivo, que deve ser ponderoso, bem ponderoso, gravissimo, qual o motivo que tornou insensivel toda essa gente perante um espectáculo tam profundamente miseravel?

Como ficou dito, essa desgraçada tivera alguns meios de fortuna, parcos sim, mas tal parcimonia lhe bastaria perfeitamente para a sua condição. Esbanjou-os com estranhos, talvez, indispondo, por isso, contra si consanguineos e affins. E' o que naturalissimamente suppoem meditar naquella empedernida inercia de corações familiares.

E é verdade que a desditosa mulher fóra prodiga, esbanjadora. Mas com quem? Pasmosa ingratitude! Com aquelles que a deixavam apodrecer em uma enxerga pôdre, a vendaval nocturno; com seus proprios irmãos—corações de pedra, almas de argamassa e calhaus.

Arrecadas de oiro que possuuiu,—e que eram do valor de bastantes deznas de mil reis,—os brancos lençoes de linho e outras peças do seu bragal, distribuira tudo por esses mesmos que a deixaram ir para a campa com uma camisa pobre que a pobre caridade lhe dera.

Tudo quanto tinha nada era della: dispuha de tudo em favor dos seus carrascos.

Da propriedade—yalôr de trezentos mil reis—fez doação a uma irmã e a um cunhado, reservando o usufructo e... um «officio de cinco padres e dez missas por sua alma».

Quando os fructos da propriedade chegavam ao esplendor da maturação, vinham os corvos de garas aduncas—os sobrinhos e os irmãos—fazer a colheita... e a pobre velha surria-se bondosa naquelle engano ledo e cego das almas desprendidas.

Quando a triste chegou á penuria, quando já nem usufruia a propriedade—o que habilidosamente se conseguiu, como aliás se consegue em coisas de maior monta, por esse mundo de Christo—mandava-se a noticia de tanta miseria aquelles que obrigação tinham de lhe trazer um allivio, e elles respondiam insultando os mensageiros: «Nada temos com isso; se morrer; deixá-la morrer! Enterrem-na ou deixem-na apodrecer em casa.» Esta monstruosa barbaridade é textual.

O individuo que lhe apanhara a doação—apanhara é o termo e ha de ser justificado adiante—a quem lhe foi annunciar a extrema angústia da infeliz, respondeu: «Pois, se se não quiserem incommodar com ella, fechem-lhe a porta e deixem-na lá morrer á vontade!»

E no meio desta casta maldita ha alguém que tem obrigação de comprehender os deveres de humanidade—ao menos estes.

Mas todos, todos fizeram conspiração para abreviar a vida daquelle prodiga—victima da sua prodigalidade.

Todos cerraram os ouvidos ao clamor da desgraça, todos fecharam o coração aos echos tristes daquelle horrivel tragedia—que horrivel tragedia é morrer de fome e de sede.

E ficaram socegados e podem bailar contentes. Consummou-se a iniquidade e os reus podem dormir a somno solto, rir e folgar em pandemio vivo, que a infeliz já não pôde levantar a cabeça e erguer a voz de protesto contra a nefanda e abjecta ingratitude.

Ah! é por isso que eu creio, além doutras razões, é por isso que eu creio na Vida Eterna, em Deus e na Sua Justiça infallivel e inevitavel.

E' necessario que não fiquem impunes os crimes hediondos que nesta vida se perpetraram sem respeito e sem temor da lei.

E' preciso um castigo para a ingratitude, para a infamia, para a injustiça e para a hypocrisia caida de esplendores.

(Continúa.)

GERVASIO LUCAS.

A emigração

Na imprensa circulam, ha muito, umas notas estatisticas sobre o movimento de passaportes concedidos nos diferentes governos civis. Saem essas noticias amudadas vezes, e os jornaes não as commentam, o que aliás deviam fazer, porque a questão da emigração é hoje uma das que mais nos devem preoccupar, e porque a expatriação de tantos milhares de compatriotas nossos leva naturalmente consigo o despovoamento das nossas provincias, improductivas ainda em grande parte por falta de braços para as cultivar.

Ha pessoas que affirmam descaradamente que a emigração é um bem, porque ella nos traz muito dinheiro do Brasil e dos Estados Unidos.

Causa tristeza ver discorrer assim. Se tal logica fosse legitima, devia admittir-se que o nosso sólo merece ser abandonado por improductivo e esteril; que a riqueza surge do abandono da lavoura, o que quer dizer, que um país será tanto mais rico, quanto menor fór a sua população e menos braços se occupem na agricultura, na industria e no commercio.

Isto é um absurdo. Toda a nação se assemelha a uma colmeia. Esta será rica e abundante em mel, se conta muitas abelhas obreiras, e é coisa certa que colmeia pobre, sem abelhas trabalhadoras, não prospéra.

Com as nações dá-se o mesmo. A Belgica, por exemplo, tem uma população tam abundante, que os nossos leitores não calculam. Ha ali cidades de 100:000 habitantes ás duzias e muito proximas umas das outras.

Em Portugal quem as conta? E no entanto a Belgica é um país rico, produz-se ali muito, e os seus productos têm saída para todo o mundo, e vam enriquecer depois os seus manufactores.

Outro tanto se dá na Hollanda, onde a agricultura attingiu o maximo desenvolvimento.

Mas lá a emigração faz-se em pequena escala, e quem emigra vai com capitaes, seus ou alheios, explorar os mercados estrangeiros, ao passo que do nosso reino só saem pobretões, que vam sujeitar-se lá fóra a trabalhos que lhes repugnavam na mãe patria, e ganhar talvez muito menos e a mór parte das vezes a morte, entre a miseria mais degradante.

Qual o motivo por que saem daqui, tendo cá onde trabalhar? A ambição não é só o impulsor. Ha mais ainda, muito mais, que é o desejo de fugir aos trabalhos pesados daqui, julgando que lá um europeu bem posto e parecido é chamado logo para um emprego rendoso e de pouco trabalho.

Puro engano. Uma vez lá, é que chega o arrependimento, tardio, infelizmente.

O nosso país tem ainda muitos terrenos incultos, o nosso commercio é pequenissimo ainda para uma nação que está, pôde dizer-se, numa das mais bellas situações do mundo, e as nossas industrias ainda podem multiplicar-se, porque o augmento da população e os mercados africanos darão saída aos seus productos.

O governo não pôde cohibir a liberdade de ausentar-se da patria aos que, cumpridas as leis, queiram sair della; mas pôde difficultrar essa saída, e um dos meios mais adequados é o fomento da agricultura, que está definhada, porque vive sobrecarregadissima; sam as obras publicas, bastante raras e de pequeno alcance economico.

Assim que o governo, guiado por um patriotismo sincero, se lançar na realização da grande empresa de moralizar as leis e simplificar-las, e depurar todos os organismos com a suppressão dos zangãos que se nutrem com o mel das pobres abelhas do campo, a emigração ha de decrescer, sem coarctar a liberdade ao cidadão de sair do seu país, porque nelle encontrará meios de poder desenvolver os seus talentos, leis protectoras e progressos materiaes, que lá fóra vai encontrar tambem, mas sempre é em terra estranha, onde não pôde crear affeições, nem evocar recordações gratas como nos seus lares patrios.

Quando mesmo um ou outro aventureiro teimasse em sair do país, era bom conselho guiá-lo para a Africa portuguesa, onde ha falta de população branca da me-

tropole, e onde hoje se vive bem e em collocações faceis de conseguir e bem remuneradas.

Pôde dizer-se sem receio que Angola e Moçambique, se recibessem os emigrantes portugueses todos, estavam ao fim de dez annos dois grandes emporios, que trariam á patria muitas fortunas que eram outros tantos meios de progresso para este bello torrão da Europa.

A imprensa pois, em vez de publicar seccamente as estatisticas dos passaportes concedidos, fazia um bom serviço aconselhando os colonos a irem para a Africa, e suggerindo ao governo a ideia de alargar a navegação para as colonias, barateando tanto quanto possivel as passagens, que sam muito caras, para os pobres poderem facilmente trocar o Brasil pela Africa.

Mais se deviam conceder aos emigrantes todas as facilidades para ali se installarem, dando-lhes terrenos para se entregarem ao cultivo, que é lá a industria mais remuneradora.

CANDIDO GOMES.

SCIENCIA PRATICA

Barometro dos jardins

As aranhas, quando venta ou chove, encurtam muito os ultimos fios a que estão suspensas as suas teias, conservando-as neste estado emquanto o tempo não está seguro. Se alongam estes fios, é isso signal de bom tempo, e tanto mais quanto os fios ficam mais compridos. Por outro lado, se a aranha está morta, é provavel que o tempo mude em breve para bom e fixo.

Outras observações mostram que a aranha faz alterações na teia de 24 em 24 horas; se estas alterações se fazem á tardinha, a noite será clara e magnifica.

Propriedades higienicas do figo

O figo é muito saudavel e dá-se bem com os estomagos delicados: doce como é e laxante, facilita a digestão, sobre tudo se se faz acompanhar com alguns tragos de agua. Cozido com leite e misturado com um pouco de mel, serve para gargarejos muito usados nas irritações da garganta e gengivas.

Com os figos seccos fazem-se cataplasmas emollientes muito efficaes contra os tumores dolorosos.

O succo leitoso da figueira, além de laxante, é muito caustico, podendo servir para destruir as verrugas e os callos, tirando-se contudo melhor estes ultimos com polpa de limão, de tanto maior efficaia quanto mais tempo se lhe applicar.

CURIOSIDADES

Logar maldito.—Sabe-se que, quando o jovem rei de Espanha, Affonso XIII, esteve em Paris, foi objecto dum criminoso attentado; ora o lugar onde se deu o attentado, é exactamente aquelle onde rebentou a *machina infernal*, que pôs em perigo, a 24 de dezembro de 1800 (3 nivôso, anno IX), os dias do primeiro Consul e que custou a vida a oito pessoas. Outra coincidência ainda: Indo á Opera é que o primeiro Consul esteve a perecer; voltando da Opera é que el-rei de Espanha, por sua vez, soffreu o attentado que felizmente não teve effeito.

A Restauração

Apertos de mão.—

Descobriram os hygiénistas que o aperto de mão é condemnavel. Pensai! Encontraram-se 80.000 microbios num centimetro quadrado de pelle humana. Um medico de Constantinopla, para evitar as molestias contagiosas, aconselha a todos que adoptem a saudação oriental, o gracioso *temenos*, consistindo em levar successivamente a mão direita ao coração, aos labios e á frente, o que quer dizer: "Vós estaes sempre no meu coração, nos meus labios e no meu pensamento!". E' tudo o que ha de bonito!—Um psychologista observou por seu lado o seguinte: o velhaco nunca aperta a palma que lhe é offerecida. O orgulhoso estende um dedo ou dois, segundo a importancia da pessoa que cre honrar; o tímido abandona a sua mão, enquanto o audacioso aperta e sacode as phalanges alheias a modo dos americanos. O preguiçoso encosta a sua mão. O homem bom, leal, sincero, bem equilibrado assim no moral como no physico, revela-se por um aperto de mão amplo, firme e sem precipitação. E o homem encolerizado passa-vos a mão... pela cara.

NOTICIARIO

Publicação da Bulla.—

Na forma dos annos anteriores realiza-se no proximo domingo, pelas 3 horas da tarde, no templo da Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, a solemnidade da publicação da Bulla da Cruzada.

Em seguida será feita a mesma publicação noutras igrejas deste arcebisado pela ordem seguinte:

Dia 7 de janeiro:
Sande (S. Martinho), ás 11 horas.

Dia 14 de janeiro:
S. Torquato, ás 10 horas;
Santa Eufemia de Prazins, ás 2 horas.

Dia 21 de janeiro:
Brito, ás 2 horas.

Dia 28 de janeiro:
Taboadello, ás 10 horas;
Serzedo, ás 2 horas.

Dia 4 de fevereiro:
Vizella (S. Miguel), ás 11 horas.

Dia 11 de fevereiro:
Serzedello, ás 2 horas.

Dia 18 de fevereiro:
Golães, ás 10 horas;
Villa Cova, ás 2 horas.

Obras.—A junta de parochia da freguesia de S. Sebastião desta cidade resolveu, em sua sessão de 30 do mês findo, pôr em arrematação, por espaço de 15 dias, que terminam amanhã, a obra de reparação dos telhados, estuques dos tectos e caiamento das paredes interiores da igreja parochial e suas dependencias.

As propostas, em carta fechada, acceptam-se em casa do snr. thesoureiro da mesma junta, á praça de D. Aphonso Henriques, 16 a 18, onde estão patentes as condições.

Sorteio de obrigações.—

No dia 22 do corrente mês, pela 1 hora da tarde, no escriptorio da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, á Avenida da Industria, e perante os snrs. obrigacionistas que queiram assistir, ha de proceder-se ao sorteio de 23 obrigações que têm de ser amortizadas.

Aviso aos interessados.

Camara Municipal.

—Na sua sessão de 29 do mês findo, depois de lida e assignada a minuta da acta da sessão anterior, foi lido o seguinte expediente:

Officios:

Do ex.^{mo} snr. conselheiro Director Geral da Instrucção Publica sob n.º 727 com data de 24 do mês corrente, informando sobre a forma como deve ser feito o pagamento aos professores do lyceu com relação ao mês de outubro. Inteirado.

Do snr. administrador deste concelho sob n.º 698 com data de 23 do mês corrente, enviando o projecto e orçamento da ampliação do estabelecimento thermal das Caldas das Taipas com o despacho de aprovação dado pelo Ministerio do Reino. Inteirado.

Do snr. provedor da Santa Casa da Misericórdia, desta cidade, sob n.º 61 com data de 28 do corrente mês, accusando a recepção do officio que a Camara lhe dirigiu sob n.º 251 com data de 22 do dito mês, e comunicando que nesta occasião, por insufficiencia de recursos, não vê meio de fazer um orçamento complementar ao ordinario daquella casa de caridade inserindo-lhe a verba precisa para pagamento das despesas a que se refere o mesmo officio. Inteirado.

Requerimentos:

De D. Anna Joaquina da Cruz, viuva, da rua D. João 1.º, desta cidade, pedindo para que lhe sejam restituídos os escorros que lhe pertencem da agua do tanque situado na dita rua, e que foram desviados por virtude das obras a que a Camara mandou proceder no mesmo tanque, ou que de alguma forma seja a requerente indemnizada dos prejuizos causados. Deferido em harmonia com a informação dada pelo snr. vereador do pelouro das aguas.

De Thomaz Pedro da Rocha, proprietario, desta cidade, pedindo licença para alargar uma das portas do seu predio sito no largo das Lamellas. Deferido sob a fiscalização do snr. vereador do pelouro das obras municipaes.

De Alberto Rodrigues de Figueiredo, proprietario, do lugar do Ribeiro do Bairro, da freguesia de S. Jorge de Selho, pedindo licença para construir uma ramada em propriedade sua, e marginal com a estrada municipal que serve aquella freguesia. Deferido, devendo o aliphamento ser dado pela repartição das obras municipaes.

Foram lidas as occurrencias havidas na luz pública durante as noites do dia 23 do mês corrente até hoje, de que a Camara ficou inteirada.

Deliberações:

Deliberou approvar o projecto e orçamento para a obra de construção da estrada concelhia n.º 8 de Paradella á Ponte de Brito (E. R. n.º 31), lançado de Vermil a S. João de Airão, na importancia de 7:685.5000 reis, e mandou que fosse enviado á estação tutelar para merecer a necessaria aprovação.

Deliberou admitir provisoriamente no hospicio dos expostos como desvalida, até completar dezoito meses de idade, uma criança por nome Manuel, filho de Domingos de Freitas, viuvo, da freguesia de Guardizella, deste concelho, visto achar-se ao abrigo da lei, como tudo melhor consta do processo que fica archivado.

Deliberou prorogar, até completar dezoito meses de idade, a admisión no hospicio dos expostos de uma criança por nome Custodia Martins, filha de Emilia Martins, da freguesia da Oliveira, desta cidade, visto achar-se ao abrigo da lei, como tudo melhor consta do processo que fica archivado.

Deliberou conceder subsidios de lactação, até completar um anno de idade, a Alice, filha de Leopoldina Marquês, solteira, da freguesia de Santa Maria de Airão; Laura, filha de Francisco da Silva e Olivia da Silva, da freguesia de Santo Estevão de Briteiros, e Onofre, filho de Maria Pereira da Silva, solteira, da freguesia de S. Torquato, visto acharem-se ao abrigo da lei, como tudo melhor consta dos processos que ficam archivados.

Nomeou, para substituir o snr. secretario em todos os impedimentos legais, o amanuense da secretaria municipal João de Sousa Dias.

Foi presente o 2.º orçamento supplementar do corrente anno, devidamente approved por despacho do Ministerio do Reino, de que a camara ficou inteirada.

Deliberou, em harmonia com o § 1.º do art.º 47.º do Regulamento de 16 de Julho de 1896, propôr os individuos abaixo relacionados, afim de entre elles serem escolhidos os membros de que deve compôr-se a Junta de repartidores da contribuição industrial no anno futuro, a saber:

Effectivos:

Antonio Guimarães, casado, da freguesia de Fermentões;

Antonio Augusto de Almeida Ferreira, solteiro, da rua de Santo Antonio, freguesia de S. Paio;

Julio Antonio Cardoso, casado, da rua do Guardal, freguesia de S. Sebastião;

João Mendes Ribeiro, viuvo, do lugar da Cancellia, freguesia de S. Jorge de Selho;

João Ribeiro de Freitas Guimarães, viuvo, da rua Abilio Torres, freguesia de S. João das Caldas de Vizella;

Antonio José de Oliveira, casado, do largo do Cidade, freguesia de S. Sebastião.

Supplentes:

Joaquim Luciano Guimarães, casado, da rua da Caldeirã, freguesia de Urgezès;

José Leite Dias Machado, casado, da rua da Rainha, freguesia da Oliveira;

Torquato Ribeiro de Faria, casado, da rua da Rainha, freguesia da Oliveira;

Paulo Machado, casado, do largo do Toural, freguesia de S. Paio;

Gervasio Antonio Pinto, casado, do largo de D. Aphonso Henriques, freguesia de S. Sebastião.

—Pelo snr. presidente foi apresentado o orçamento ordinario da receita e despesa desta municipalidade para o futuro anno de 1906, sendo a sua receita 58:775.098 reis e a despesa de igual quantia. A camara dispenson a sua leitura, ficando sobre a mesa para ser examinado pelos snrs. vereadores, e deliberou apprová-lo provisoriamente e que fosse posto em reclamação conforme determina o artigo 101.º do Cod. Adm.

O snr. presidente apresentou o regulamento para a cobrança das taxas do matadouro municipal, o qual foi unanimemente approved pela Camara, e é do teor seguinte:

«Art. 1.º—As taxas devidas pelas rezes abatidas no matadouro sam as estabelecidas por deliberação da Camara de 13 de setembro, approved por despacho ministerial de 6 de outubro deste anno, a saber:

Bois ou vaccas, cada rez	1.500
Vitellas, " "	750
Gado suino, " "	500
Gado lanigero, " "	50

Art. 2.º—O pagamento das taxas será feito diario ou mensalmente na thesouraria municipal.

Art. 3.º—O amanuense respectivo escriptorará diariamente o numero das rezes abatidas em um livro correspondente a cada especie de gado sobre que incide a taxa.

Art. 4.º—O amanuense entregará diariamente ao fornecedor, que a sollicitar, uma guia ou conhecimento em que se declare o numero e especie das rezes que o requisitante tiver abatido nesse dia, com a liquidação da importancia das taxas; e no dia 1 de cada mês enviará á secretaria da Camara identica relação correspondente ao mês findo abrangendo todos os fornecedores.

Art. 5.º—O fornecedor que pagar diariamente sollicitará cada dia no fim das horas designadas para a matança a guia ou conhecimento de que trata o artigo antecedente com o qual se apresentará no dia immediato, ou no primeiro dia util, para satisfazer as importancias devidas.

Art. 6.º—O fornecedor que preferir pagar mensalmente prestará fiança idonea perante a Camara por meio de termo devidamente exarado, ou por meio de caução pecuniaria, cuja importancia será, para cada um, fixada pela Camara.

§ unico. No dia 1 de cada mês o amanuense entregará a cada um destes fornecedores um conhecimento identico ao de que trata o artigo 4.º com o qual elle se apresentará no dia immediato ou no primeiro dia util, para satisfazer a importancia devida.

Art. 7.º—No dia subsequente ao determinado para pagamento a nenhum fornecedor é permitido abater rez alguma sem apresentar ao amanuense documento comprovativo de ter satisfeito na thesouraria a importancia devida pelas taxas respectivamente ao dia ou mês antecedente, conforme a forma de cobrança estabelecida neste Regulamento.

§ unico. Em caso de transgressão do disposto neste artigo o amanuense fica responsavel pela importancia devida pela transgressão. Guimarães, 29 de novembro de 1905. (a) João Gomes de Oliveira Guimarães.

O snr. presidente propoz que nesta acta fosse consignada a expressão de muito pezar e sentimento com que a Camara recebeu a noticia do fallecimento do ex.^{mo} Monsenhor João Monteiro Vieira de Castro, deputado da nação pelo circulo eleitoral de que faz parte o concelho de Guimarães, cujos merecimentos e serviços publicos se abstinha de encarecer por tam sobrejamente conhecidos da Camara em longos annos de vida publica. Esta proposta foi approved por unanimidade e resolvido que a copia desta parte da acta fosse enviada á familia do illustre morto. Auctorizou diferentes pagamentos.

Afilamento de pesos e medidas.—

Por portaria do snr. ministro das obras publicas foi designada a letra F para o afilamento dos pesos e medidas no periodo de abril de 1906 a março de 1907.

Club Commercial Vimaranense.—

Previnem-se os portadores de obrigações do extincto Club Commercial Vimaranense que queiram receber o producto das suas obrigações de que devem apresentar-se dentro do prazo de 10 dias, que termina em 22 do corrente, ao thesoureiro da commissão liquidataria do mesmo Club snr. Antonio Lopes Martins, á rua Nova de Santo Antonio, 39.

Passado este prazo será o producto daquellas que não forem recolhidas distribuido pelos socios por se entender que foram amortizadas.

Ahi fica o aviso.

Contribuições.—Estão em cobrança até ao dia 20 do corrente, na thesouraria municipal, as contribuições que dizem respeito a capitaes mutuos. Findo este prazo serão os snrs. contribuintes executados na conformidade da lei.

Aviso aos interessados.

Recenseamento militar.—Até ao dia 31 do corrente mês têm os paes ou tutores dos mancebos que tenham completado 19 annos a obrigação de o participarem ao presidente da commissão do recenseamento militar, sob pena de multa imposta em policia correccional.

Juros de inscrições.—Principiam a pagar-se amanhã, na recebedoria deste concelho, os juros das inscrições relativos ao semestre prestes a findar.

Festas á Immaculada.—

Em diversas igrejas e capellas desta cidade e concelho foi sollemnizado sumptuosamente o dia da Immaculada Conceição de Nossa Senhora, com grande concorrencia de fieis, que mais uma vez foram prostrar-se ante a imagem da Virgem Mãe de Deus pedindo-lhe a sua protecção e amparo.

De todo o coração nos associamos a essa demonstração de affecto e amor com que os corações das almas boas honraram a Virgem das virgens, a Mãe de todas as mães, a Mãe de Deus e dos homens, modelo das mais santas, ineffaveis e acrisoladas virtudes, e que sobre aquelles que lhe prestaram tal homenagem caíam as benções do ceu, que dellas bem dignos se tornaram.

Preços dos cereaes.—

No mercado da última semana os cereaes venderam-se nesta cidade pelos seguintes preços:

Trigo	880
Centeio	620
Milho alvo	780
Milho branco	580
Milho amarello	560
Feijão vermelho	1.5100
Feijão branco	1.5300
Feijão amarello	800
Feijão rajado	750
Feijão fradinho	700

ANNUNCIOS

EDITAL

Por este meio se faz publico que está em reclamação por espaço de quinze dias, a contar da publicação deste, o rol da derrama parochial da freguesia de S. Clemente de Sande, derrama que constituirá a receita do anno de 1906.

O presidente da Junta de Parochia,

Paulino Affonso.

O grande batineiro

Antonio Raymundo de Sousa Guise, com atelier de alfaiateria á Praça de D. Affonso Henriques, 36 e 38, desta cidade, encarrega-se de fazer batinas com a maxima perfeição bem como toda a qualidade de obra que lhe seja encomendada.

Tudo perfeito e por preços modicos.

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas
POR

Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada
pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas-douradas	500 »
Em chagrín-douradas	15000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.

DICIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.^a EDIÇÃO FRANCESA

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional"

Com auctorização do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42, 1.^o—Porto

As Terras de Valdovês

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS
DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, das persaspelas archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

É trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação. — Todos os cavalheiros que acceitaram o 1.^o volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranense

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

SYNOPSIS

DA

THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO
SNR. BISPO CONDE

2 vol. 1\$200

Livraria França Amado, editor—COIMBRA.

Os Centros Nacionaes

PELO

DOM FRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor

do Seminario dos Carvalhos

2 volumes 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.^a, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDDE CATHOLICA DE AGNERS

Vertida em portuguez

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.^a classe "pro Ecclesia et Pontificie" e redactor da "Revista Catholica".

É por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as atenções dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundeza e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de várias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfazião completamente. Unas eram nimiamente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquela cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em portuguez do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douda obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferéncia que, entre todas, lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzir a ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no com mercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é sómens te util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrintho de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circumstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 réis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

PEDRO SCAVINI

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.^o volume da segunda edição portuguesa da importantissima obra de Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco—VIZEU